



PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES: UNI-VOS!

Avante!

ORÇÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS (SPIC)

PROCESSOS CONHECIDOS

Os preparativos para a nova guerra tocam o seu fim. Os grandes países capitalistas apressam, a um ritmo sempre crescente, a fabricação dos novos engenhos de guerra e de destruição. O imperialismo das grandes potências entrecacha-se, e a tensão nas relações internacionais, é cada vez maior.

Mas as massas não querem a guerra. Elas têm ainda bem fresca na memória a dura experiência da guerra de 1914-1918, onde os seus irmãos de classe foram encontrar a morte, servindo de «carne de canhão». Além disso, perante o agravamento das suas condições de vida dentro do capitalismo, e a existência dum país onde a classe trabalhadora conquistou o poder e onde está construindo uma nova sociedade, que não conhece esses dois flagelos do mundo capitalista: o desemprego e o fascismo; elas chegaram à conclusão que o capitalismo mais não pode dar do que novas guerras e novas crises.

Mas o capitalismo prepara de se lançar numa nova guerra. Precisa de arrastar as massas para uma nova carnificina, para a conquista de novos mercados, e de novas possessões coloniais. Necessita de conquistar as massas trabalhadoras, para que participem na nova guerra, e um só caminho lhe aparece: quebrar o seu ascenso revolucionário, por meio do terrorismo fascista, e atacar a URSS, como o mais forte baluarte do proletariado revolucionário de todo o mundo. Nessa nova «crusada» dos países imperialistas contra a URSS é justo estar-se a Inglaterra (país capitalista por excelência) que dá mão dada com a Alemanha e com o Japão, isto é, com o fascismo mais reacionário, prepara uma guerra de agressão contra a URSS.

Portugal, sob o governo fascista de Salazar, e como país vassalo da Inglaterra, não podia deixar de participar nessa nova «crusada» do capitalismo, contra a pátria do proletariado de todo mundo. Além das investidas oficiais contra a URSS do próprio Salazar, ainda, recentemente, aparece-nos agora na grande imprensa, toda uma série de calúnias do mais baixo jaez, contra a URSS, e destinada a estabelecer a maior confusão no espírito de quem as ler.

Em determinada ocasião, telegramas de Paris anunciam a dissolução da I. C. da Associação dos Velhos Bolcheviques, etc, destinadas a fazerem acreditar no «burguesamento» da URSS. Seguem-se logo, pouco depois, outras, onde se fala dos «crimes» praticados pelo governo soviético. 2.000 fuzila-

continua na 6ª. página

Frente as lutas economicas!

O grande ponto foco do nosso Partido é, sem dúvida alguma o da organização, condução e direcção das lutas económicas.

No ponto de vista de agitação, realizamos um bom trabalho. Mas a agitação não basta. O salazarismo reforça dia a dia a ofensiva capitalista contra as massas laboriosas. Nada escapa à voragem do capital financeiro, dos grandes proprietários latifundiários e das grandes Companhias. Liquidação da jornada de trabalho, redução de salários e intensificação do trabalho, para os operários; baixas dos productos agrícolas da pequena produção, subordinação absoluta aos grandes lavradores, agravamento de impostos, entrega ao capital usurário, execuções fiscais etc, para os camponeses; impostos alijantes, multas, novas alcavalas do Estado e da Câmara, agravamento das propinas dos liceus e dos cursos superiores, etc, para a pequena burguesia das cidades—intelectuais, pequenos comerciantes e industriais, estudantes, etc. Os desempregados restam entregues a si próprios; ou morrem de fome, ou pedem esmola, ou se agarram à venda ambulante. Mas neste caso, salta a polícia em cima deles com uns bilhetinhos de 1500, que lhe arrancam o que poderiam ganhar para matar a fome.

Tal é o panorama que nós rodeia.

Aqui e ali as nossas palavras de ordem de agitação e de luta. Mas nós, por via de regra ou estamos ausentes ou participamos da luta sem fazer um esforço sério por lhe dar direcção e caracter organizado.

No Barreiro 3.000 operários vêm à luta contra os espancamentos aos presos. Mas a coisa não passou de uma manifestação espontânea, se bem que os nossos camaradas participassem dela. Em Torres Vedras, os camponeses fazem frente à força pública, para defender as suas culturas ameaçadas pelo consórcio dos vinhos; nós estamos ausentes e permitimos com isso que os grandes lavradores castrem a acção das massas camponesas. Ainda recentemente, os vendedores dos mercados levantam-se em massa contra a cobrança coercitiva dos impostos atrasados. Fazem recuar a Câmara, mas a coisa fica por aqui... à espera de que uma manobra do governo e da Câmara castre o movimento, introduza a divisão no seio dos vendedores e facilite nova exploração.

E assim por diante.

Em geral, as nossas Células não ligam a necessaria atenção ao trabalho no seio das organizações de massas, não sabem utilizar todas as possibilidades legais, ligá-las intimamente ao nosso trabalho ilegal; apertar, enfim, por todos os meios ao nosso alcance a nossa ligação com as massas.

Daqui resulta que não nos damos suficientemente conta do estado de espírito das massas e somos surpreendidos pelos acontecimentos. Uma vez eles desenrolados, não sabemos medir-lhe a importância, colar-nos a eles, dar-lhe caracter organizado, generalizá-los e elevar-lhe o nível revolucionário. Outras vezes, muitas vezes, não sabemos partir do simples para o composto, do parcial para o geral; manifestamos uma tendência acentuada e de consequências gravísimas, para a teoria anarquizante e impotente do «tudo ou nada». No período de repressão bárbara que atravessamos não podemos pensar apenas em fazer as coisas «à grande». Há que utilizar as formas mais elementares de luta que se relacionem com o estado de espírito da massa e, num esforço titânico de perseverança elevá-las a pouco e pouco...

Enfim, é preciso convencer todos os nossos camaradas e organizações que sem uma atenção aturada, cuidada, sistemática por estas «pequenas» coisas, não poderemos passar às grandes; não passaremos de palhaçadas.

O XIII Pleno da I.C. colocou a palavra de ordem da luta pelo Poder dos Soviotes. Mas muitos dos nossos camaradas não compreenderam ainda o conteúdo real desta palavra de ordem. Supõem que ela significa, «fazer a revolução». Na realidade ela significa, antes de mais nada, «soldagem íntima com as massas,

(Continua na 6ª. página)

O SPN na luta anti-fascista!

O Secretariado de Propaganda anda com pouca sorte. Gasta quantias fabulosas para manter um ambiente internacional que compense o descrédito interno do fascismo e nada consegue. A imprensa anti-fascista estrangeira vai desenvolvendo a miséria do povo português e o caracter brutal e terrorista da dita ditadura que se pretende «perpetua». Graças a esse noticiário, desfaz-se lá fora, a lenda da «felicidade» do povo português, e a figura do «ditador santo» é considerada, justamente, como a dum carrasco à Hitler para quem a vida e sofrimento dos adversários é nada. Mas o fiasco do Secretariado de Propaganda não fica por aqui. A pretexto das «Festas da Cidade» convidou vários intelectuais

estrangeiros que, apesar da pretensa «independência de espírito» com que mascararam a sua posição burguesa, vieram, comeram, viajaram e foram, nos seus países fazer a mais descarada propaganda do Salazarismo. Só um, Unamuno, não porque a sua ideologia seja esquerdista (Unamuno é uma pré-fascista), e traidor às Esquerdas espanhólicas) pelo seu individualismo, talvez, ou pelo orgulho de não se deixar corromper pela viajanta, falou diferentemente. E, no «Agora» de 20 de Julho disse cousas como estas: «Ao passar a alfândega, revistamos os jornais para ver se traziam alguns dos registados no «Índice» da Inquisição de Estado portuguesa». E adiante: «Ai do Estado —monarquia ou república— que julga defender-se, ofendendo a humanidade de tal maneira!».

Em seguida, aponta, maravilhosamente, as origens das Festas da Cidade: «E aqui estou, neste povo ouvindo queixas dos que tem de afogar os seus protestos, dos protestantes civis e taicos. E até se decretar a alegria oficial patriótica. Patriotismo oficial. Persegue-se como suspeito quem recebe certos livros do estrangeiro. A terrível suspeição inquisitorial!».

E compreendido a miséria em que vive o povo, em Portugal, exclama: «Infelizes nações faraónicas em que o estado se enriquece, empobrecendo e escravizando o povo, em que este agoniza de fome e desgosto, mantidos para poderem levantar-se pirâmides de glória!».

Foi assim que o «ingrato» do Unamuno pagou a «hospitalidade» concedida à «caravana» dos intelectuais. Revelou os póders que soube observar. Rompeu, mais um pouco, a frente internacional do fascismo português.

Que o Secretariado de Propaganda lhe agradeça.

Construindo o Partido

Tarefas de Organização

É um facto comprovado que a nossa organização não marcha a par das condições objectivas do ascenso revolucionário no seio das massas. A radicalização que de dia para dia se acentua entre o nosso proletariado, não tem correspondido da nossa parte, um largo trabalho de recrutamento e de organização. Isto demonstra-nos, por uma forma bem clara, que a nossa organização enferma, ainda, de muitos vícios que urge remediar o mais depressa possível. Dentro do nosso Partido existe uma velha tradição anarquista nos processos de trabalho, filha dos velhos «processos» da CGT. Se a grande parte desses «processos» se têm eliminado durante os dois últimos anos, não é menos certo que, ainda há toda uma série de problemas fundamentais de organização, para a solução dos quais é necessária a colaboração de todos os camaradas organizados.

Se partirmos do facto que «na sua luta pela conquista do poder, o proletariado não tem outra arma que não seja a organização» (Lenine) e que o Partido é a «forma suprema da organização de classe do proletariado» (Staline), vemos que todo o nosso trabalho revolucionário deverá girar em volta da organização das mais largas camadas da classe operária dentro das organizações de massas do Partido, e de recrutar para as fileiras do Partido, a vanguarda do proletariado revolucionário, isto é, aos seus elementos mais dedicados à causa da Revolução.

Uma das nossas fraquezas mais notórias e reveladora dum trabalho sectário, é a pouca importância que os camaradas organizados no Partido dedicam ao trabalho de fracção nas organizações de massas (SVI, CIS, Liga Anti-Fascista, etc.). Todo o trabalho das células está limitado a um sector muito estreito, na maioria das vezes a sua acção está limitada a um pequeno grupo de indivíduos, sem que exerça qualquer influência no seio das massas. Os nossos camaradas organizados não têm procurado formar fracções dentro das organizações desportivas, educativas, recreativas, etc., filiando-se nessas organizações, para aí realizarem um trabalho de fracção. Tudo isto é um sintoma bem característico do sectarismo nas nossas fileiras e da necessidade de realizarmos uma completa viragem nos nossos processos de trabalho.

O nosso trabalho dentro das grandes empresas também ainda não tomou a devida extensão. Em muitos centros industriais, nos ainda não temos organização, e dentro de Lisboa, a nossa organização à base de células de empresa, está ainda bastante fraca. As nossas organizações Regionais não procuram realizar um trabalho sistemático de conquista duma influência política por parte do Partido no seio das massas trabalhadoras e não têm dedicado a devida atenção ao trabalho entre os camponeses, limitando-se a agir entre o operariado das cidades e vilas. Nos centros industriais de largo proletariado feminino

O último editorial do nosso jornal, respondendo a tendência da direita que se desenha no nosso Partido, a coberto da crítica à «linha otimista do Comité Central», acentua o enorme retrazo do nosso trabalho de organização «que está longe de ter captado em benefício da organização, as perspectivas postas pelo trabalho político do Partido».

Quais as causas deste retrazo?

Em primeiro lugar, estes próprios desvios de direita que tendem a alastrar as condições objectivas, quando a tarefa central do Partido consiste, precisamente no contrário. Esta tem sido sempre a tarefa de todas as tendências extranhas ao Partido: cobrir a sua passividade e as suas vacilações com «teorias» que nada têm que ver com o leninismo.

Em segundo lugar, porque o nosso próprio órgão central, não tem sabido suficientemente romper fogo contra esta tendência e concertar a actividade dos nossos camaradas e organizações a volta dos problemas concretos que se nos apresentam.

A página que hoje inauguramos, sob o título: «Construindo o Partido», destina-se precisamente a satisfazer estas necessidades.

Contra o terrorismo e o liquidacionismo

A questão dos criticos da «linha otimista» do Partido não está esgotada com a formula enunciada no «fundo» do numero passado do «AVANTE!»

É fora de dúvida que, no ponto de vista de perspectivas e das condições objectivas que se oferecem, a linha do Partido não pode ser considerada «otimista»; qu' o nosso mal consiste sobretudo no enorme retrazo das tarefas de organização e na insuficiência com que os nossos camaradas não têm prestado a devida atenção ao trabalho feminino, nem o têm sabido desenvolver.

Todas estas fraquezas do nosso Partido, mostram-nos o sectarismo que ainda existe nas nossas fileiras e como é necessário enfrentarmos decididamente a conquista politica das massas e sua organização partidária.

É grande o e-minho percorrido pelo nosso Partido nos dois últimos anos. A sua esfera de acção aumentou a cada dia e, devido a isto, o trabalho dos seus militantes tem de ir acompanhando a sua evolução. Hoje, perante as grandes lutas que se nos se aproximam, o reforço de toda a nossa organização e sua extensão, são tarefas fundamentais que necessitam do trabalho de toda a gente do Partido, para que sejam

trazido o Partido», destina-se precisamente a satisfazer estas necessidades.

Em primeiro lugar, todos dirigentes responsáveis do Partido e das nossas fracções centrais das organizações de massas — sindicatos, SVI, Liga Anti-Fascista, etc., etc — ficam obrigados a debater, nesta página, os problemas fundamentais de cada um destes aspectos da nossa actividade.

Em segundo lugar, à base dos factos concretos que ressaltam de cada uma das tarefas anteriormente citadas, poderemos a nú todos os nossos lados fracos, procurando vencê-los.

Em terceiro lugar, utilizá-los para um combate implacável a todas as tendências extranhas ao bolchevismo que procuram alojar-se no Partido.

E, finalmente, asseguraremos a manutenção de uma secção de perguntas e respostas que permita aos camaradas da base elucidar-se sobre toda a uma série de questões de ordem prática que se lhe apresentam no trabalho de dia a dia.

Tais são, a traços largos, as características e objectivos da página que hoje inauguramos.

Contra o terrorismo e o liquidacionismo

A questão dos criticos da «linha otimista» do Partido não está esgotada com a formula enunciada no «fundo» do numero passado do «AVANTE!»

É fora de dúvida que, no ponto de vista de perspectivas e das condições objectivas que se oferecem, a linha do Partido não pode ser considerada «otimista»; qu' o nosso mal consiste sobretudo no enorme retrazo das tarefas de organização e na insuficiência com que os nossos camaradas não têm prestado a devida atenção ao trabalho feminino, nem o têm sabido desenvolver.

Todas estas fraquezas do nosso Partido, mostram-nos o sectarismo que ainda existe nas nossas fileiras e como é necessário enfrentarmos decididamente a conquista politica das massas e sua organização partidária.

É grande o e-minho percorrido pelo nosso Partido nos dois últimos anos. A sua esfera de acção aumentou a cada dia e, devido a isto, o trabalho dos seus militantes tem de ir acompanhando a sua evolução. Hoje, perante as grandes lutas que se nos se aproximam, o reforço de toda a nossa organização e sua extensão, são tarefas fundamentais que necessitam do trabalho de toda a gente do Partido, para que sejam

trazido o Partido», destina-se precisamente a satisfazer estas necessidades.

Em primeiro lugar, todos dirigentes responsáveis do Partido e das nossas fracções centrais das organizações de massas — sindicatos, SVI, Liga Anti-Fascista, etc., etc — ficam obrigados a debater, nesta página, os problemas fundamentais de cada um destes aspectos da nossa actividade.

Em segundo lugar, à base dos factos concretos que ressaltam de cada uma das tarefas anteriormente citadas, poderemos a nú todos os nossos lados fracos, procurando vencê-los.

Os comunistas e o movimento sindical

A actividade dos comunistas no movimento sindical melhorou, de certo modo a partir de fins do ano passado. Sobre-tudo em Lisboa, a viragem para os sindicatos, faz-se sentir dum modo salutar, após a reacção produzida pelo C.C. e pelos órgãos de base do Partido.

Assim, toda uma serie de sectores fracos, do trabalho, foram vencidos. O Arsenal da Marinha e a C.P., onde não existia nenhum trabalho sindical e que hoje possuem os seus sindicatos revolucionarios englobando efectivos respeitaveis, são exemplos positivos desta viragem. Não estão vencidos todos os lados fracos, A Construção Civil e a industria textil atestam a insuficiencia desta viragem. Mas fazem-se esforços serios para os liquidar.

Porem, a provincia continua a margem da actividade nos sindicatos. Em geral as nossas organizações não perdem tempo com esta tarefa «comesinha» de organizar os sindicatos e trabalhar no seio deles. Vivem as questões de «alta politica». Tomam o Partido como panacea capás de se substituir aos sindicatos e a todas as organizações de massas, da classe operária. Não vêm que precisamente no trabalho serio, devotado e sistemático do Partido, no seio dessas organizações está a condição essencial do desenvolvimento do Partido, como vanguarda organizada da classe operária e a pedra de toque da sua bolchevisação.

Citamos um exemplo:

Evora é, no ponto de vista industrial, o centro mais importante do Alentejo. As industrias da Construção Civil, vestuario e calçado, cortiças, metalurgia e caminhos de ferro contam ali uns 3.000 operários. Há mais de dois anos que existe ali organização do Partido. Mas não ha trabalho algum sindical realizado. Em geral, os camaradas nem sequer respondem ás cartas da nossa secção sindical.

Que resulta deste desinteresse perante uma questão tão importante como a da nossa actividade nos sindicatos?

Resulta que o Partido permanece raquítico, naquella cidade alentejana, reduzido a um grupo sectário.

Esta, de resto, é a situação em quasi todas as nossas organizações da provincia.

A quem attribuir a responsabilidade desta situação?

Naturalmente, á insuficiencia da direcção nos nossos comités locais, mas também, e principalmente, á insuficiencia da nossa direcção central.

A importancia enorme, decisiva, do trabalho sindical não tem sido suficientemente explicada e popularizada no Partido. Carecemos de um boletim destinado especialmente ás questões sindicais. Quando aqui ou ali, surge uma nova organização do Partido e que se trata de um centro proletário, não sabemos collocar imediatamente perante os nossos camaradas, a questão sindical, como ponto nevrálgico de todo o desenvolvimento ulterior do

NAS OFICINAS DA C.P.

Nas oficinas das Instalações Eléctricas de vias e obras, em Alcântara-Terra, existe um contra-mestre que há pouco veio de África e que julga continuar lidando com os pretos, suspendendo a alguns camaradas e escravizando os restantes.

Dentro desta secção todos os aprendizes e ajudantes são obrigados a frequentarem as escolas industriais, para depois se limitarem a picar e a pintar ferro, ou a cortar carvão. Mas não satisfeito com isto o contra-mestre dá-lhes trabalho por tarefa, querendo fazer regar a poeira que levantam dos pés, com o suor do rosto, para assim ver satisfeitas as suas exigências de lucro dos nossos exploradores. É costume deste vendido, colocar-se junto dos aprendizes a picar machetes, para ver se algum pára por momentos de trabalhar. Se algum camarada se queixa devido ao excesso de trabalho, é logo por ele ameaçado de suspensão.

Dentro da nossa oficina há um ou dois homens, que levam a sua sabulisse até ao ponto de apresentarem um miserável destes: um vendido ao capitalismo e aos exploradores da CP. Estes imbecis que recompensam com presentes os seus escravizadores negam-se a contribuir com qualquer auxílio para a nossa organização: entre estes há um miserável com formas humanas que emprega o seu tempo a vigiar os restantes camaradas para os ir acusar aos seus superiores, para assim ser mais a caça ao homem dentro das oficinas.

Em Alcântara-Terra, nas Instalações Eléctricas, situadas na margem do «Canal de Alcântara», dando parte em emanações prejudiciais à nossa saúde, sente-se um frio intenso no Inverno, visto que os «sehores» da CP não consentem que os operários vão para o trabalho convenientemente agasalhados, por entenderem que isso prejudica o rendimento de trabalho...

Camaradas, somente pela nossa finalidade de acção nós conseguimos apresentar aos nossos camaradas uma frente única de luta, capaz de os levar de vencida e de levar à realização as nossas reivindicações.

Salários de miséria!

GUARDA—O patronato local vem desencadeando desde há tempos para cá uma grande ofensiva contra as classes trabalhadoras, estando presentemente o operariado a ganhar salários de 12.500 a 15.500 e os trabalhadores rurais 3.500, por um trabalho extenuante feito de sol a sol.

O proletariado tem-se manifestado ultimamente contra tal estado de coisas, sendo logo acusados de «revolucionários», aqueles que se não querem sujeitar à exploração desenfreada de meia dúzia de «bons» salaristas, exploradores dos operários que empregam.

O «guarda costas» da burguesia é o 1.º Comandante da Polícia, que movido de uma «santa» indignação contra os comunistas da terra, os procura por toda a parte, prendendo a torto e a direito os nossos camaradas trabalhadores, na ância de descobrir os autores da propaganda comunista na terra. Tem às suas ordens um rafeiro miserável, o guarda n.º 20 da PSP, alcunhado

A URSS EM CONSTRUÇÃO

O sonho de Lenine

MOSCOVO—Junho—Toda a União Soviética festejou o quinto aniversário da construção da fábrica de tractores de Stalinegrado, «Felix Dzerdjinsky», a primeira fábrica gigantesca do primeiro plano quinquenal. De então para cá foram construídas centenas de fábricas gigantescas, e milhares de poderosas empresas, e dezenas de novas cidades. Muitos milhões de novos operários, filhos de operários e camponeses, cheios de vontade de trabalhar para o socialismo, trabalham presentemente em tarefas muito maiores: as do segundo plano quinquenal.

A «Pravda» escreve: «E na fábrica de Stalinegrado que se desenrolam os combates da nossa vanguarda para a conquista da técnica. O mundo inteiro seguiu interessado as lutas heroicas na margem do Volga. O gráfico da produção diária da fábrica não estava somente suspenso na parede do escritório de Staline, o chefe do Partido bolchevique, que orientava a produção da fábrica. O numero de tractores produzidos era comentado pela imprensa burguesa do mundo capitalista, que lhe juntava comentários sarcásticos.

Actualmente na fábrica de Stalinegrado, saem os tractores da 150 série dos mil. Para entregar os primeiros 150 mil tractores, foram precisos 28 meses. Para a entrega dos primeiros 100 mil—os célebres 100 mil de Lenine—são precisos 23 meses.

Agora com a precisão dum instrumento de relojoaria a fábrica fabrica 60 tractores por hora.

A História desenvolveu-se segundo as previsões de Lenine e de Staline. Ali está a explicação do facto de em cinco anos termos percorrido um século burguês.

A primeira fábrica soviética de radium está actualmente em construção nas montanhas de Ladjki-

tão, a uma altitude de mais de 2.000 metros acima do nível do mar, e no local onde se encontravam outrora as antigas minas de Tabachar.

O radium será extrahido dos minérios radioactivos de uranio.

O Instituto Ucraneano dos Cereais, em Dnepropetrovsk achou a forma de obter productos alimentares e quimicos pelo tratamento da palha. O Instituto conseguiu obter assucar e alcool da palha, assim como melação e leveduras, para a alimentação do gado, etc.

Para que se possa fazer uma ideia das vantagens que traz esta invenção, citamos as cifras seguintes: Duma tonelada de batatas não se consegue obter mais do que 116 ou 130 litros de alcool, enquanto que da palha se pode obter 120 litros de alcool e 400 quilos de leveduras.

Ac base de concluir na cidade de Verkhnedneprovsk, na Ucranea a construção duma fabrica para o tratamento da palha e doutros detritos agricolas. A nova fabrica poderá transformar em productos diversos 10.000 toneladas de palha por dia.

O Ural é conhecido como uma região rica em minérios e em ferro. Mas não era conhecida como uma região rica em aluminio.

As sondagens geológicas feitas nos três últimos anos pizeram a descoberto 13.000.000 de toneladas de bauxites de grande qualidade. São reservas suficientes para justificar a construção duma importante fabrica para a fabricação de aluminio.

A URSS tem já duas fabricas, a de Volkhov e a do Dniepr. O «combinado» de Kamensk em construção no Ural será a terceira fabrica de aluminio da URSS. Ela poderá produzir 70.000 toneladas de alumina e 25.000 de aluminio, por ano. É uma quantidade respeitavel, visto representar 12 a 13% da produção mundial.

Um exemplo de Frente unica

MARGUEIRA VELHA—Acaba de dar-se um levantamento de pessoas, em luta pela melhoria das suas condições de vida, que merecem apontar-se como exemplo de acção proletária.

Os operários que lá trabalham, têm uma semana de 4 dias alternada com outra de 5. Vivem em

«o Rei da Multa», o qual se faz acompanhar por mais três colegas, nas suas buscas infructiferas às casas dos trabalhadores, na esperança de encontrar a nossa imprensa e prender os responsáveis da propaganda comunista. Este «soberano» por qualquer coisa aplica a um operário vários dias de prisão e 40.500 de multa, mostrando assim ser um bom salarista e, como tal um ferroz perseguidor do proletariado, e um grande defensor dos nossos inimigos de classe.

Um só caminho nos resta, camaradas, o ingresso no Partido Comunista, que é o Partido que luta pela conquista do Pão da Terra e da Liberdade.

deficientissimas condições.

No passado dia 3, resolveram procurar modificar a sua situação e, para isso, escolheram uma comissão que se dirigisse ao director inglês, quando este viesse à fabrica, e lhe pedisse o estabelecimento da semana permanente de 5 dias de trabalho. Por isso, quando nesse dia o director entrou no «barracão» a comissão juntou-se e dirigiu-se-lhe, ao mesmo tempo que todos os camaradas, numa verdadeira disciplina proletária, cessaram o trabalho. O director, enfiado de cólera e dizendo não atender comissões, enquanto o trabalho estivesse paralisado, foi para o escritório.

Depois de pela sua unanimidade paralização, terem demonstrado a sua solidariedade com a comissão, todos os camaradas, a convite dum membro desta, voltaram a trabalhar. Seguidamente no escritório, expuseram ao director a sua situação, não dando este uma resposta definitiva.

Avante, camaradas! E pelas lutas imediatas e de frente unica, que se preparara a vitória final.

OS NOSSOS PRESOS

A vaga de repressão policial que ultimamente tombou sobre o nosso Partido, roubando-lhe muitos dos seus melhores militantes, foi proveitosa em ensinamentos para toda a massa partidária, quer pela forma como alguns camaradas se portaram na policia, quer pela atitude do Partido perante a prisão daqueles que mais responsabilidades tinham.

Assim, nós vemos que, se a prisão dum militante do partido pelo infame Policia de Informaçoes, se segue imediatamente por parte de toda a organização partidária, uma vaga de protestos e de agitação contra a repressão policial no seio das massas trabalhadoras, este não sofre o sadismo dos esbirros da Policia.

Sempre que o nosso Partido responde a repressão policial por um amplo movimento entre as massas, de agitação e de protesto, os camaradas presos melhoram de situação, vendo-se impotentes os chulos da R. da Leva da Morte, em os maltratar, por temerem que do movimento de protesto das massas, possa resultar uma daquelas muitas «ordens» do Ministério do Interior, suspendendo os espancamentos... para serem recomçados oito dias depois. Isto quer dizer que se a cada prisão dum militante do Partido responsável perante a Policia, o Partido responder com um rápido movimento de protesto e de agitação entre as massas trabalhadoras, a sorte desse militante está por esse mesmo facto, numa situação muito mais favoravel, visto que a atenção das massas trabalhadoras segue interessada o desenrolar dos acontecimentos, e está pronta a manifestar-se, ponho toda a politica demagógica do «Estado Novo», por terra, ao afirmar que «uma mentira dos revolucionários, os espancamentos da Policia».

A atitude de alguns camaradas presos ultimamente, deve ser apontada como exemplo para toda a organização. Esses camaradas nos interrogatórios, além de não terem comprometido a liberdade de nenhuns outros camaradas, ainda atenuaram as responsabilidades daqueles que a policia procura activamente, melhorando assim a sua situação de perseguidos.

Alguns dos nossos melhores militantes, recusando-se a responder sob a acção dos maus tratos policiais, nos interrogatórios, levaram muitas vezes os esbirros a suspender os espancamentos, na ância de desobediência e alquer coisa mais, por um interrogatório feito em «boa paz». O que de resto não conseguem.

O que acabámos de apontar, demonstra-nos cabalmente que se um camarada mantem dentro da policia, uma atitude firme, não denunciando outros camaradas, a policia tem de se considerar vencida, e deixa-o em paz, visto nada aproveitar com o seu interrogatório. Pelo contrário se esse camarada vier denunciando, agora um camarada, logo outro, então é certo a policia servir-se dos espancamentos, na esperança de vir a conhecer mais elementos.

As lições colhidas pelas prisões dos nossos camaradas ensinam-nos portanto o seguinte: que se a prisão dum elemento do Partido,

(Continua na 5.ª página)



A China soviética

Muitos camaradas ignoram a importância formidável que hoje tem a China Soviética. Sabem vagamente que existe uma região soviética na China, que existe um exército vermelho chinês e, através o noticiário confuso da imprensa burguesa, das vitórias e das derrotas do mesmo exército. É interessante notar que as vitórias muito raramente são assinaladas, ao passo que as derrotas nos são contadas detalhadamente. É natural isso na imprensa burguesa; faz parte daquele programa de embustes e mentiras que sempre rodeiam as notícias da URSS ou das vitórias do proletariado revolucionário e que tem por fim deixar as massas trabalhadoras na ignorância das conquistas revolucionárias dos seus irmãos de classe, em todo o mundo.

As vitórias do Exército Vermelho chinês estendem-se já a 79 distritos em diversas províncias do Sul do Centro e do Noroeste da China, incluindo as cidades de Chao-hu-Fu no Fu-Kien, Sidim-Fu e Lam-Tchun-Fu no Se-Tchuan. Devido a isso, o território da República Soviética Chinesa, constitui, agora, pelas suas dimensões, um território maior do que qualquer dos grandes países da Europa. Hoje, uma sexta parte da China interior, está soviética, a superfície total da República Chinesa é de 1.348.180 Km.² e o território das zonas estavais de 681.225 Km.². A extensão territorial da República Soviética Chinesa, equivale a um país que tivesse as

dimensões da França, da Bélgica e da Holanda juntas. Para defender o país dos ataques do Exército capitalista do Kuomintang, existe o Exército Vermelho que sob a direcção do Partido Comunista Chinês, e do Governo Soviético da China, tem combatido heroicamente, não só contra o exército do Kuomintang, mas também contra os exércitos dos países imperialistas que na China do Kuomintang defendem, os interesses do imperialismo capitalista americano e europeu.

Durante a quinta campanha, o Exército Vermelho derrotou 40 divisões do Kuomintang (ao serviço do qual está hoje o «chefe do revirralismo, Sarmento Beires»), 18 das quais ficaram completamente derrotadas. Fez prisioneiros 80.000 homens, entre os quais se encontravam generais e oficiais superiores. Conquistou ao exército do Kuomintang 140.000 espingardas, 1290 mestradoras pesadas e ligeiras, 20 aparelhos de rádio, algumas centenas de canhões pesados e 6 aviões. Cerca de 30.000 soldados do Kuomintang passaram para o Exército Vermelho durante os combates. As tropas regulares do Exército Vermelho contam presentemente com cerca de 350.000 combatentes, e as tropas armadas irregulares com mais de 600.000.

O Governo Soviético Chinês, desde a sua fundação (Congresso pan-chinês dos Soviets, de 1931) tem procurado realizar um trabalho de

reconstrução e de emancipação da China, quer no auxílio prestado ao Exército Vermelho, quer na elevação do nível de vida das classes pobres.

O Governo Soviético dedicou, por exemplo, uma grande atenção às cooperativas de produção da venda e de consumo, de forma a permitir um maior auxílio às classes trabalhadoras e uma permuta de mercadorias mais fácil de região para região...

Os governos central e locais, ao encarregarem-se do melhoramento da economia rural, da indústria e do comércio nas regiões soviéticas, continuam dirigindo as campanhas agrícolas, de sementeiras e de colheitas, etc.. Organizaram a ajuda aos camponeses que carecem de gados e de terras; organizaram uma ampla emulação revolucionária, criando brigadas de choque e dirigem o trabalho das massas na reparação dos velhos diques e na construção de novos. Ajudaram os camponeses a cultivarem grandes extensões de baldios, que até aí estavam incultos, criaram bancos para auxílio aos camponeses, etc.

A instrução pública tem merecido o maior cuidado ao Governo Soviético Chinês, podendo citar-se como exemplo, o distrito de Nandú, na Região Soviética Central, onde se organizaram 350 escolas de instrução primária, 580 nocturnas, e numerosos clubes para a liquidação do analfabetismo. Neste distrito frequentam as aulas 7.580 alunos

que do Estado recebem o material escolar e oslimentos. Há também uma Universidade Comunista que tomou o nome de Marx, e que está na capital vermelha: Jui-Sin.

A emancipação da mulher foi também tratada pelo Governo que estabeleceu a liberdade de matrimónio e de divórcio, e deu o direito à mulher de receber a sua parte de terra, quando da sua divisão pelos camponeses pobres. Junto de cada Soviet funciona uma comissão de protecção à maternidade e à infância.

Os factos que acabamos de enumerar mostram-nos, por uma forma insofismável, a grande importância da República Soviética da China, e os perigos que a ameaçam e, por esse facto, o nosso dever de lutarmos denodadamente contra o imperialismo capitalista dos países europeus e americanos, que querem a derrota dos Soviets da China, e a sua divisão em possessões e protectorados do capitalismo.

Somente a nossa solidariedade para com os nossos camaradas chineses, conseguirá fazer encolher as garras ao capitalismo imperialista. Não deixemos esquecer que os barcos da Marinha de Guerra Portuguesa também participaram no ataque aos revolucionários de Changai, e que o governo imperialista de Salazar continua colaborando com o imperialismo internacional, na sua luta contra os Soviets da China.

Relato de uma camponesa

Cada época e cada regime social têm os seus heróis. Na URSS o trabalho aproveita a colectividade, e reforça e desenvolve a nova ordem social. Muitos operários e kolkoziãos tornam-se presentemente célebres.

Nos tempos do czarismo, estes homens não poderiam desenvolver as suas capacidades, e os seus nomes teriam ficado esquecidos e ignorados Ter-se-ia, por acaso, admiração pela camponesa Ana Kipenko, tornada célebre hoje?

Tendo começado a sua vida como camponesa ignorante e oprimida, tornou-se chefe de equipa dum kolkoze, e foi condecorada com a ordem de Lenine. A sua vida é muito instructiva, e é bem o reflexo da vida no país do socialismo.

Nós vamos pedir a Ana Kipenko para nos falar de si:

—Sou filha dum humilde camponez ucraniano. Fui analfabeta até uma idade avançada, a nossa aldeia não tinha escola. Meus pais casaram-me, ainda muito nova; por felicidade meu marido era um bom rapaz, e muito trabalhador. Mas a guerra civil levou-mo.

—Foi morto num combate?

—Não. A sua morte foi mais trágica. Depois de ter sido ferido foi enviado para a nossa aldeia. Os brancos, um dia fizeram uma incursão, levaram meu marido, e depois de muitas torturas mataram-no. Mal tive tempo de fugir com a minha filha de oito anos para Melitopol, onde vivi algum tempo.

Casiei-me segunda vez com um

operário dos Caminhos de Ferro. Ele tinha umas pequenas terras e eu recomecei a minha vida de camponesa.

No entanto havia muita coisa de novo no campo. Acabavam de abrir uma escola para os analfabetos adultos. Vencendo o meu acanhamento, comecei a estudar o alfabeto. O meu desejo de estudar e de compreender o que se passava em volta de mim, era muito grande. Pouco a pouco comecei a ler a «Krestianka Gazeta» (o Jornal dos Camponeses), depois a revista «Krestianca» (a Camponesa) e participei, na medida das minhas forças, na vida social.

Dentro em breve corria por todo o país uma vaga de colectivização. Nós fomos dos primeiros a aderir ao kolkoze. Apesar de tudo, deveo dizer francamente, tivemos algum medo ao principio. Nós tínhamos uma fazenda e uma casa. Tudo isto era pequeno e não valia muito, mas nós éramos os donos, enquanto que no kolkoze eu não sabia bem como as coisas caminhariam.

Mas os livros que eu tinha lido, graças ao Poder Soviético que me tinha ensinado e ler, dissiparam as minhas dúvidas. E com efeito, eu convenci-me que no kolkoze nós somos uma grande força. Basta que cada um trabalhe bem, e o trabalho comum seja bem organizado.

Nós aprendemos muita coisa e não repetimos mais os nossos erros. Estabelecemos o nosso plano de trabalho. Por sua vez o Estado ajudou-nos emprestando-nos as sementes e organizando, na nossa região, uma estação de tractores e máquinas

Apesar de tudo, não foi sem dificuldades que nós obtivemos bons resultados em 1933.

Nesta altura já eu era chefe de brigada. A minha brigada tinha 32 membros e somente 2 homens. Devo dizer-vos que muitos homens duvidando que os negócios marchassem bem no kolkoze tinham decidido ir trabalhar na construção das novas fábricas, ou das novas cidades, onde era muito fácil encontrar trabalho. Mas as mulheres ficaram em casa, e não desempenhamos mal o nosso papel.

Nesta altura Ana Kipenko sorri maliciosamente... A vitória que ela alcançou sobre os homens demonstra a absurdez dos preconceitos de superioridade do homem sobre a mulher.

—«Nos outras, mulheres, chegamos ao fim, devido à nossa força de vontade. Eu disse as mulheres: vamos mostrar aos homens que nós não recuaremos diante de um trabalho que se nos apresenta difícil ao principio, e que mele medo aos homens, visto que eles fogem dele com medo. Nós ficaremos. O Poder Soviético deu-nos os mesmos direitos que aos homens. Vamos pois provar que não foi inutilmente que esses direitos nos foram concedidos.»

—«Presentemente já não temos analfabetos no kolkoze. Ora, ainda não há muito tempo, sob a influência da agitação dos kulaks, os nossos camponeses ignorantes tiravam das paredes os fios electricos, porque os kulaks os tinham feito acreditar mostrando-lhes um velho livro de física, que o raio seguindo pelo fios

lhes entrava em casa e produziria grandes estragos.»

Ana Kipenko fala-nos ainda durante muito tempo da organização do seu kolkoze. Mas ela teve finalmente de interromper o que nos estava contando, visto que as suas obrigações lhe não permitiam perder mais tempo.

—Quando falo do kolkoze é como se falasse de mim própria. Hoje ele é tudo na minha vida. Perguntais-me qual foi o meu papel no kolkoze? Fui eu a primeira das mulheres que falou a favor do kolkoze e, por esse motivo, os kulaks ficaram-me com ódio. Mas, sem temer das suas ameaças, descobri sempre as suas conspirações contra a propriedade colectiva, e denunciei-os aos kolkoziãos. Isto apesar de eles me terem querido matar. Um dia, na minha ausência, incendiaram a minha casa onde estava o meu filho. Roubaram-me por várias vezes. Mas tudo me convencia mais, que se os inimigos do kolkoze me perseguiram, era porque eu era útil ao kolkoze e lhe dava rendimento.

—«Os outros podem julgar melhor o meu trabalho. Na Primavera passada, o Governo Soviético entregou-me a «Ordem de Lenine» pelo meu trabalho enérgico na organização das kolkoziãos e do kolkoze. Não esperava esta grande recompensa. Estou certa que qualquer kolkozião poderá obter a mesma recompensa com energia e honestidade.

As nossas organizações sociais ofereceram-me uma máquina de costura e uma bicicleta, que me permite percorrer os campos



O trabalho dos comunistas no SVI

São vulgares as mais confusas discrepâncias de alguns comunistas em face da sua acção em prol e dentro do SVI. Há alguns militantes que, pelo simples facto de pagarem as suas cotizações para o SVI julgam ter esgotado o seu papel, nada mais lhes restando fazer. Outros há que chegam a manifestar uma certa relutância em ajudar organizações de massas — é o caso do SVI — porque estas, não sendo partidos comunistas, já não podem interessar o revolucionarismo extremista desses camaradas. Esta situação de confusão vai por vezes mais longe, e leva certos camaradas a não contribuírem, mesmo materialmente, para o SVI, escusando-se no seu revolucionarismo palavroso e anti-proletário.

Quanto à acção dos militantes comunistas dentro do SVI, deixa muito a desejar. Sob o pretexto da reunião de células, sob o disfarce de muitos afazeres, etc., etc., alguns militantes do Partido, desligam-se inteiramente da vida e do trabalho das organizações de massas. Apesar das várias críticas e directivas dos organismos centrais do Partido ainda há muitos militantes que pagam as suas cotizações do SVI nas próprias células, sobrepondo, assim o trabalho do Partido ao aparelho do SVI.

Esta situação anormal deve acabar. Os organismos dirigentes de base do Partido devem adoptar resoluções concretas a tal respeito, e tendentes a integrar os militantes do Partido dentro da própria organização do SVI. Nas suas reuniões, os militantes das C. devem inquirir em que medida, cada um dos seus componentes, actua nas fileiras do SVI. Mas não basta isto. É preciso ir mais longe, e levar a efeito campanhas de esclarecimento, que demonstrem o carácter e os fins do SVI, como organismo de massas e sem partido, (devotado ao serviço da Revolução, pelo Socorro material, moral, político e jurídico prestado às vítimas do fascismo assassino).

As directivas dos vários Congressos da IC, para todas as Secções, no que respeita à acção dos comunistas dentro do SVI devem ser realizadas. Já em Setembro de 1924, no seu V Congresso a IC esclarecia que «os Partidos Comunistas devem prestar todo o auxílio necessário ao SVI, colaborando na organização das Secções dos seus países respectivos e obrigando todos os membros do PC a tomarem a mais activa participação nessas Secções». Esta directiva central, deve ser realizada com toda a urgência que o caso requiere. Cada membro do Partido deve tornar-se no amigo mais activo do SVI, no militante mais esforçado nas fileiras da solidariedade proletária; é preciso que os militantes do Partido se convertam em animadores sinceros dos grupos de base do SVI, atirando ao mesmo tempo, para esta organização, o maior número possível de trabalhadores sem partido, ou de outras tendências.

No próximo número abordaremos outras questões relacionadas com o trabalho do SVI.

Trabalhadores, lêde
"O Proletário",
Órgão da Comissão Inte-Sindical

Contra o terrorismo e o liquidacionismo

(Continuado da 2ª página)

a elevá-lo até às possibilidades objectivas. Por isso, por vezes, lançamos palavras de ordem que se distanciam demasiado das possibilidades actuais da nossa organização e que, por isso, restam sem execução, com todo o prejuízo que daí resulta para o prestígio do Partido e para a confiança das massas nas acções a desenvolver.

As nossas discussões, no momento presente, devem tender a pôr a claro este problema para todos os nossos camaradas.

Porém, a sombra desta nossa insuficiência, tende, na realidade, a desenvolver-se uma perigosíssima tendência de direita, que reflecte nas fileiras do Partido, as vacilações e desespero da pequena burguesia e, á base da crítica da «linha optimista» do Partido, se coloca no campo derrotista e liquidacionista, vastando novas roupagens à penetração do «reviralhismo» nas nos as fileiras.

Tomemos um exemplo:

Ultimamente, ouvimos a um dos críticos da «linha optimista» do Partido: «Vemos o órgão do Partido, vangloriar-se de coisas que não nos pertencem. Estala um ou outro movimento espontâneo e o órgão do Partido vem a dizer: As massas seguem as nossas palavras de ordem! Ora isto não é verdade. O Partido não tem a mais ligeira influência nestes movimentos».

Nos respondemos: «Naturalmente, se os movimentos são espontâneos, o Partido não teve interferência directa nelés. Mas isso não quer dizer que ali onde as massas entram em luta, utilizando os métodos precunizados pelo Partido, nós não possamos; e não devemos assinalar que elas seguem as palavras de ordem do Partido».

Então, o camarada referido assentou o seu pensamento.

«Nós não podemos dizer que as massas «seguem» quando não temos a certeza se elas conhecem as palavras de ordem do Partido».

É verdadeiramente estonteante esta meticulosidade.

É unicamente o Partido e as organizações de massas afins, quem lança a palavra de ordem da luta de massas, directa e independente contra cada caso concreto da ofensiva capitalista. Os chefes «reviralhistas» horrorizam-se com a luta de massas. Castam-na, opoem-na, che o putch e um conspiratismo ridiculo, estilo seculo XVII. Os chefes socialistas... não opinam nada; mastigam as migalhas que os chefes fascistas lhes atiram. Os chefes anarquistas fazem córo com os reviralhistas, no horror às lutas de massas. Possuímos numerosos exemplos que provam isto; em que eles tolvhem acções de massas, com o pretexto de que o «reviralhismo» está para sair e de que essas acções de massas o iriam prejudicar.

Somos nós, a única força política que preconiza dum modo consequente a palavra de ordem acima citada. Centenas de milhares de exemplares das nossas publicações correm o país, em todos os sentidos, popularizando-as. Há anos que vimos lutando energicamente por elas no seio do Partido e de todas as organizações de massas, sem quebra, sem desfalecimento.

Pois bem, apesar de tudo isto, segundo o crítico da «linha optimista» do Partido, quando surge um movimento de massas ajustado a estas palavras de ordem, será preciso proceder a um inquérito rigoroso a ver se alguma publicação do Partido chegou à localidade ou à empresa em questão, para podermos afirmar que as massas seguiram as palavras de ordem do Partido!

Mas não fica por aqui, a crítica da linha do Partido. Acalorado, acaba por concluir:

«Esses movimentos produzir-se-iam, assim, mesmo que o Partido não existisse!»

Está-se a ver o que de grave existe nes a tendência da direita, que pretende reduzir a farrapos, o papel do Partido.

Nós temos um Partido heroico; assim mesmo: HEROICO, apesar dos seus defeitos, das suas deficiências, da sua juventude, o nosso Partido apoia no ensinamentos do leninismo, perdendo militantes às centenas, tem marchado heroicamente, sob o fogo cerrado e implacável da repressão fascista e de toda a casta de confusionistas, de tal modo que hoje constitui verdadeiramente a única força política organizada, face à Ditadura.

Não é o heroísmo do nosso Partido que engendra a crise capitalista, mas sem ele não teria sido cavado tão fundo, o abismo entre as massas e os demagogos do «Estado-Novo»; sem ele a luta de massas não teria atingido o nível presente; sem ele o «reviralhismo» e o «terrorismo» teriam castrado em muito maior escala, a luta de classes...

E há membros deste Partido heroico que se atrevem a concluir que a luta teria o carácter que tem, mesmo que o Partido não existisse!

Um tal pessimismo, um tal derrotismo, um tal liquidacionismo é, precisamente, a mentalidade que conduz ao sebastianismo do «reviralhismo».

Pois se o papel do Partido é assim reduzido a zero, como não acabar por marchar a reboque do «reviralhismo»?

Que é isto, senão a mentalidade pequeno-burguesa e «reviralhista», introduzida como contrabando, nas fileiras do Partido?

Será necessário encarecer a todos os camaradas e organizações do Partido, a necessidade imperiosa de conduzir uma luta implacável contra tal mentalidade?

Uma vaga de terror na Alemanha

Thaelmann, o grande chefe do Partido Comunista Alemão, tem agora, mais do que nunca, a sua vida em jogo, perante a nova vaga de terrorismo desencadeada pelo governo fascista de Hitler.

Perante o largo movimento de protesto das massas trabalhadoras da Alemanha, contra a politica de fome e de guerra, que é a base de toda a politica hitleriana; perante a sua reacção contra a fascisação dos sindicatos pela formação dos sindicatos independentes, e a luta heroica da juventude contra a guerra; o governito hitleriano iniciou uma nova vaga de terror tendente a castrar o revolucionarismo das massas.

Thaelmann é hoje o simbolo vivo da luta da frente única das massas trabalhadoras contra o terrorismo fascista. Ele representa para os hitlers da Alemanha e de todo o mundo, a bandeira que empunham as massas anti-fascistas, na sua luta heroica contra a barbarie fascista e contra a Ditadura do grande capital. Como tal, a sua vida corre o maior perigo. A cada nova vaga de repressão, corresponde um agravamento das suas condições de vida.

Nós não podemos ficar indiferentes ante o perigo que ameaça um dos maiores campeões do movimento anti-fascista em todo o mundo, e membro destacado da I.C. Nós temos de secundar o largo movimento que se está desencadeando em todo o mundo, contra a prisão de Thaelmann e de todos os anti-fascistas vítimas do terrorismo branco da burguesia e do capitalismo.

Em Portugal, como nos outros países fascistas, as vítimas da ditadura capitalista, contam-se por centenas, ou milhares. Nós lutando pela libertação de Thaelmann e de todos os anti-fascistas presos, lutamos também contra o fascismo salazarista e pela libertação dos nossos presos.

É preciso mobilisarmos todas as nossas forças, a [todo o] momento, porque o fascismo hitleriano pode tentar, de surpresa, condenar Thaelmann á morte.

Se todos os nossos camaradas procurarem reunir numa frente única os simpatizantes e anti-fascistas em comités pró-libertação de Thaelmann, e que estes comités lutem indefectivamente por meio de protestos dirigidos aos consulados e embaixadas, por telegramas, por movimentos de paralização momentânea de trabalho nas oficinas e fábricas, por inserções e outras formas de agitação, nós conseguiremos fazer encolher as garras do capitalismo opressor e sanguinário, dos hitlers, salazares e C., e desmascarar a politica de exploração e de guerra, que caracteriza o fascismo em todo o mundo.

FORMAI COMITÉS CONTRA O TERRORISMO FASCISTA! LUTAI PELA LIBERTAÇÃO DE THAELMANN!



«A victoria da Revolução não vem jámais por si só. É necessário prepará-la e conseguí-la. E só um Partido Revolucionário forte pode prepará-la e obtê-la»

(Da Força gigantesca do Poder Operário)

Staline

Os comunistas e o movimento sindical

(Continuado da 2ª página)

Partido. Necessitamos liquidar estas deficiências, de vez, estabelecendo como palavra de ordem central do Partido: Nenhum operário comunista pode nem deve eximir-se ao trabalho sindical, O operário comu-

nista que não é membro do seu sindicato revolucionario, ou se, ele não existe, não se esforça por organizá-lo, não cumpre o seu dever de comunista. Depois do trabalho partidário, o trabalho sindical é o primeiro dever do operário comunista.

Trechos escolhidos

REFORMISMO E REVOLUCIONARISMO

Em que se distingue a tática revolucionária, da tática reformista? Alguns pensam que o leninismo é contra as reformas, contra os compromissos, contra os acordos. Isto é falso. Os bolcheviques sabem que, em certo sentido, «nada se deve desprezar»; que, em certas circunstâncias, as reformas em geral, os compromissos e os acordos, em particular, são necessários e úteis.

Conduzir a guerra pela derrocada da burguesia internacional, guerra com vizes mais difícil, mais longa, mais complicada, que a guerra mais encarniçada que possa existir entre quaisquer Estados, e renunciar de antemão a ceder, a explorar (ainda que seja temporariamente), os antagonismos de interesses entre os seus inimigos, a estabelecer acordos e compromissos (embora temporários, convencionais, instáveis) com aliados possíveis, não é ridículo no mais alto ponto?

«Não é a mesma coisa que se, na ascensão de uma montanha abrupta, inexplorada, se recusam de antemão a fazer zig-zagues, a voltar por vezes atrás, a sair da direcção fixada, para buscar uma outra?» Lénine na (Doença Infantil do Comunismo)

O que importa, evidentemente, não são as reformas, os compromissos ou os acordos, mas o uso que se faz deles.

Para o reformista, a reforma é tudo; quanto ao trabalho revolucionário, trata-se de um pró-forma. E' por isto que, com a tática reformista sob o poder da burguesia, toda a reforma tende inevitavelmente a consolidar este poder e desagregar a revolução.

Para o revolucionarismo, ao contrário, o principal é o trabalho revolucionário e não a reforma; para ele, a reforma não é senão um produto acessório da revolução. Eis porque, com a tática revolucionária sob o poder da burguesia, toda a reforma tende inevitavelmente a desagregar este poder, e consolidar a revolução, a tornar-se um ponto de apoio para o desenvolvimento do movimento revolucionário.

O revolucionário aceitará uma reforma para ahar a acção legal à acção ilegal, dissimular o reforçamento do trabalho clandestino, fazer a educação das massas e preparar o derubamento da burguesia.

O reformista, ao contrário, aceitará as reformas para descambar sobre os louros colhidos, renunciar a todo o trabalho ilegal e entrar a preparação das massas para a revolução. (Staline — Questões do Leninismo)

A repressão aumenta!

Os marinheiros presos no Aljube enviaram a Hitler, por intermédio do seu representante em Portugal, um abaixo assinado pedindo a libertação de Thaelmann. Enviaram também para a Alemanha uma saudação ao grande chefe do PC Alemão a ferros do fascismo, com as assinaturas de quasi todos os presos do Aljube.

Este «horrendo crime», foi o suficiente para que os carrascos salazaristas, aproveitando-se deste gesto de solidariedade internacional, lhes retrissem as visitas por 30 dias!

Camaradas! Protestai contra os castigos nas prisões!

A Toda a Organização

Já por várias vezes, o Secretariado tem desmentido publicamente qualquer espécie de acordo ou pacto com os chefes «reviraltistas». A última nota do Secretariado, a este respeito, coloca a questão em termos que não permitem a nenhum membro do Partido deixar-se iludir com os boatos de confusos secretos, postos volta e meia a correr por creaturas sem escrúpulos cuja actividade é claramente provocatória. Esta nota assentia que, em quaisquer circunstâncias, o Partido não estabelecerá pactos secretos. O Partido Comunista, o partido da classe operária, não exclui a hipótese de qualquer acordo ou compromisso, com as camadas intermédias da população e com as forças políticas que as representam. Mas a condição «sine qua non» de qualquer desles compromissos ou acordos, é a sua publicação imediata e uma larga popularização de toda a sua matéria. Nestes termos, ninguém pode ser iludido pelas manobras provocatórias ultimamente repetidas, com certa insistência.

Há, porém, nas nossas fileiras, camaradas com uma tendência especial para «se deixarem enganar» por estes fibusteiros da política e a deixarem-se enredar nas suas manobras conspiratórias, estilo século XVIII, no seio das quais pulula a provocação, com lamentáveis consequências para a sua própria segurança e para o prestígio do Partido. Algumas organizações responsáveis têm mesmo chegado ao ponto de tolerar este procedimento baseado na teoria de que o Partido tem uma actitude «colectiva» e que cada um dos seus membros, «individualmente», tem o direito de proceder de maneira diferente.

Mas tal situação não pode continuar sem grave perigo para o Partido.

O Secretariado do CC do Partido faz público por este meio:

1.º — A linha geral do P é a linha de todas as suas organizações e de todos os seus membros. O P. não tem, nem nunca teve, duas táticas: A **individual** e a **colectiva**. Cada filiado é obrigado individualmente, a seguir a linha, tática e métodos colectivos do Partido.

2.º — A cooperação de cada filiado com forças políticas extrínsecas ao P e com as quais não foi formado qualquer acordo ou pacto público, é incompatível com a permanência nas nossas fileiras. Por isso, os camaradas que têm incorrido em tal procedimento, devem ser chamados à responsabilidade perante a sua célula, e cessar totalmente, e sem nenhuma espécie de reserva, tal cooperação, ou excluídos se não emendarem o seu procedimento.

3.º — O Secretariado do CC do PCP, torna responsáveis pela execução rigorosa do número anterior, os camaradas dirigentes dos Camitês Locais e de Zona em cujo raio de acção se verifica, ou venha a verificar, sem a reacção correspondente, o intoléravel procedimento acima citado.

Lxº, Julho de 1935

O Secretariado do C.C. do P.C.P.

Frente às lutas económicas!

Continuação da 1.ª pagina

nas suas lutas parciais; encabeçamento destas lutas e ligação delas à medida que lhe conseguimos elevar o nível, como os objectivos gerais». Aqui está, sobretudo, a pedra de toque da capacidade do Partido para a luta pelo Poder dos Sovietes. Sem isto não se pode falar a sério em luta pelo Poder dos Sovietes.

Eis a tarefa central do nosso Partido, no período que passa.

Temos de abordar com decisão. E' verdade que a responsabilidade desta situação não pertence apenas às nossas organizações de base. Os organismos centrais não têm chamado suficientemente a atenção do Partido para isto. O nosso próprio jornal, a nossa literatura, em geral, não tem procurado instruir suficientemente os camaradas a este respeito. A viragem tem de principiar e partir do centro. E' o que fazemos.

Para principiar, o «Avante» inaugurará uma secção de «questões e respostas» na qual procuraremos esclarecer todos os camaradas sobre os problemas concretos que lhes surgem dia a dia. Desde já, dada a insuportabilidade das nossas edições, não será possível abarcar todos os problemas que se relacionam com isto. Mas ponham-nos os camaradas as suas dúvidas. Não façam literatura; perguntas refe-

Os nossos presos

Continuação da 3.ª pagina

com responsabilidade na policia, corresponde da nossa parte, um amplo movimento de protesto e de agitação, a sorte desse camarada melhora imediatamente na Policia de Informações, e permite-lhe manter perante a mesma, com relativa facilidade, uma attitude de forma a não denunciar mais nenhum outro camarada.

Que um militante ao ser preso, pode não só manter perante a policia uma attitude tal que não denuncie a nenhum outro camarada, mas também atenuar muito as responsabilidades, dos que para ela são os maiores responsáveis, melhorando assim a sua sorte, quando um dia lá caírem.

rindo-se a factos concretos.

Esta situação é que não pode de modo nenhum persistir, sem uma luta enérgica contra ela.

Há muito desconhecimento nas nossas fileiras, das tarefas fundamentais do Partido. Mas também há, em certos sectores, incapacidade de adaptação aos nossos métodos. O desconhecimento procuraremos vencê-lo, esclarecendo os camaradas. A inadaptação teremos que vencê-la, expurgando as nossas fileiras, lembrando aos inadaptaáveis que o seu lugar não é no PARTIDO da REVOLUÇÃO.

Os safanões de Salazar

Mais uma Vítima do Fascismo!

Fomos há dias acompanhar ao Cemitério do Alto de S. João, mais uma vítima dos «safanões a tempo» da Policia de Informações. O nosso camarada ferro-viário Joaquim de Carvalho morreu em consequência dos maus tratos que sofreu na R. da Fava da Morte, onde foi barbaramente espancado quando foi preso pelo 48 de Janeiro ficando, desde então, a sofrer dos rins. Depois de solto, teve de recolher ao hospital onde agora morreu.

O seu funeral foi uma grande manifestação de solidariedade de proletária visto que perto de 4.500 camaradas o foram acompanhar.

Uma camioneta cheia de policiaes pronta a intervir seguiu o funeral do nosso desditoso camarada, que uma «ordem» do Governador Civil não deixou que fosse autopsiado como a familia queria. O medo que estes criminosos têm que se lhe descubram os seus repugnantes crimes!

Processos Conhecidos

mentos, ditaduras militares, etc. . .

Todas estas noticias tendenciosas, procuram criar o ambiente entre as massas, favorável a uma agressão anti-soviética, por parte dos países fascistas. «Chegou o momento de libertar a Rússia» proclama um general branco, ao mesmo que proclama a sagacidade de Pilsudski e Hitler, prontos a atacarem «o perigo soviético».

O que acabamos de apontar, demonstra-nos, por uma forma bem clara que a burguesia se prepara para atacar o Estado Proletário, a pátria dos trabalhadores de todo o mundo, a única patria que devemos defender, porque é aquela onde temos direito a vida e à liberdade.

Pois bem; nós, perante toda essa vil e mpanha, não podemos ficar indiferentes! A cada nova atoarda do governo de Salazar e do imperialismo, temos nós de corresponder com movimentos de massas em defesa da URSS, AS MENTIRAS E CALUNIAS DO FASCISMO NACIONAL E INTERNACIONAL, CONTRA A URSS, RES-ONDE-REMOS NÓS COM AS VERDADES DOS CRIMES PRATICADOS PELO FASCISMO EM TODOS OS PAISES!

Mais uma infamia!

O nosso camarada marinheiro Luis da Cunha Tabora, preso há meses, foi lançado de novo para o «segredo» infame da cadeia do Aljube, onde está há já 43 dias, sem ar e sem luz, para que, desmoralizado pelo castigo, denuncie os seus camaradas!

Esta é mais uma das muitas vilézas da infame Policia de Informações. Esta é a politica «paternal» de Salazar!

Lutai pela comunicabilidade para Luis T. Tabora!

Exigi, por protestos, que seja libertado do «segredo» infame do Aljube, onde define lentamente!

Lutai pela libertação dos nossos presos!